

INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NO TRATAMENTO DE OBESIDADE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA.

Selma Aires Monteiro Galdino¹
Cynthia Sonaly dos Santos Rodrigues²
Maria Gabriely Queiroz³
Lucenildo Laerty da Silva Sales⁴

INTRODUÇÃO

A obesidade infantil, é caracterizada como uma enfermidade e definida pelo acúmulo de tecido adiposo em excesso e sua origem é multifatorial, cujo desenvolvimento sofre influências de fatores biológicos, psicológicos e socioeconômicos. Esse acometimento conquistou interesse na agenda pública internacional nos últimos 30 anos, definindo-se como um episódio de dimensões globais e de predominância crescente. No Brasil, o sobrepeso e a obesidade vêm crescendo em todas as idades e em ambos os sexos, em níveis de renda dos mais diversos, sendo a rapidez de crescimento mais predominante na população com menor remuneração familiar. No Brasil o excesso de peso e a obesidade atingiram 56,9% e 20,8% da população adulta em 2013 (BONFIM, 2016; DIAS, 2017).

A obesidade infantojuvenil é considerada atualmente uma doença crônica multifatorial, e por isso o tratamento deve ter uma perspectiva multidisciplinar. Ainda, possui caráter multifatorial, sendo diversos elementos, a exemplo da influência midiática que estimula uma alimentação errada ao mesmo tempo em que essa mesma ferramenta cobra um padrão ideal de corpo perfeito, a estimulação do consumismo feita pela economia/política, os interesses da indústria da alimentação não saudável, a comodidade dos familiares que estão envolvidas e a discriminação sofrida fatores cruciais para o desenvolvimento de comorbidades associadas. (FRONTZEK, 2017).

A influência do comportamento alimentar parental afeta os hábitos dos filhos, e está associado a maiores riscos de desenvolvimento e manutenção da obesidade, e juntamente com a obesidade agrega-se ainda as doenças crônicas não transmissíveis, estando (associada a várias complicações cardiovasculares e metabólicas, que causam grandes agravos à saúde da pessoa e inúmeros prejuízos aos sistemas públicos de saúde (CAMARGO, 2013, p. 331; MACHADO et al; 2018).

O tratamento amável é a combinação entre o baixo nível de domínio e o alto nível de responsabilidade. Os pais não estabelecem limites e muito menos regras para os filhos; não cobram nenhum tipo de responsabilidade nem maturidade. São carinhosos, comunicativos e receptivos, com tendência a realizar qualquer vontade da criança. Excessivamente a tolerância é exercida de modo que tudo seja permitido e a criança tem o controle de toda e qualquer situação (DANTAS, 2019; SILVA, 2019).

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. selmamg17@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. cynthia6856@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. gaby-7741@hotmail.com;

⁴ Professor Orientador. Mestrando em Saúde Pública (PPGSP/UEPB) pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Graduado em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. lucenildosales@gmail.com

As teorias ambientalistas apresentam as alterações nas práticas atuais de vida da nossa sociedade, mudanças como retirada precoce do aleitamento materno, utilização de alimentos processados e armazenados, como também os apresentados pela mídia, no intuito de chamar a atenção, pode-se observar ainda a ampliação de jogos eletrônicos e a prática de passar longas horas assistindo televisão e também o uso do celular, contribuindo com a redução ou até mesmo abandono de práticas de atividades físicas como brincadeiras de rua, pedalar, fazer caminhadas, contribuindo de forma drástica para as mudanças do estilo de vida determinando o aumento desenfreado da obesidade na infância (CAMARGO, 2013).

Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de realizar uma busca e analisar os trabalhos publicados na íntegra sobre a influência familiar exercida sobre o paciente durante o tratamento de casos de obesidade infantojuvenil.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão de literatura, realizada a partir das seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *National Library of Medicine* (MEDLINE), tendo como objetivo verificar as produções científicas brasileiras, em português, sobre o tema publicadas nos últimos cinco anos.

A busca pelas publicações ocorreu entre os meses de maio e junho de 2019, sendo consultados 101 artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais no período de 2010 a 2019. A seleção dos artigos se deu por meio de uma leitura rigorosa, criteriosa e interpretativa dos títulos, resumos e introdução, de todos os 101 artigos encontrados nas bases de dados. Foram selecionados somente os trabalhos que estivessem publicados nas bases de dados citadas anteriormente no período de 2010 a 2019, em texto completo, disponíveis gratuitamente em inglês ou português e foram excluídos os que tratavam da obesidade sob outras perspectivas, que estavam publicados em outro idioma e que abrangiam outra faixa etária.

Os descritores utilizados na busca textual foram: mídia audiovisual, relações familiares, instituições acadêmicas e obesidade infantil. Para compor esta revisão os artigos escolhidos deveriam ter no mínimo dois desses descritores em seu contexto.

DESENVOLVIMENTO

Foram analisados 101 artigos, após leitura e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão totalizou em 05 artigos. O quadro abaixo corresponde à distribuição dos textos selecionados para construção do presente estudo, na base de dados da SCIELO foram escolhidos 02 artigos, na LILACS, 01 e na MEDLINE foram selecionados 02 artigos. Os textos selecionados foram organizados em uma tabela, de maneira que contemplasse os títulos, as revistas de publicação e ano. Foi possível identificar que há várias pesquisas que envolva o tema, considerando-se que muitos apresentaram fuga do mesmo.

Quadro 01 – Distribuição dos artigos selecionados segundo a base de dados.

Bases de dados	Artigos encontrados	Artigos selecionados
SciELO	46	02
LILACS	23	01
MEDLINE	32	02

Quadro 02 – Distribuição dos artigos científicos selecionados segundo o título, revista e ano de publicação.

Título	Revista de publicação	Principais resultados	Ano
O papel do ambiente obesogênico e dos estilos de vida parentais no comportamento alimentar infantil.	Revista Paulista de Pediatria	Estilo de vida familiar conturbado juntamente com os maus hábitos alimentares e o sedentarismo.	2019
Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças do ensino fundamental I na cidade de Boa Viagem.	Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento	Excesso de peso na infância é fator preditivo para um elevado percentual de gordura corporal na idade adulta.	2018
Obesidade infantil: Compreender para melhor intervir.	Revista de Abordagem Gestáltica	Percepção dos pais com relação ao peso dos filhos.	2017
Obesidade infantil: Principais causas e a importância da intervenção nutricional.	Revista Científica da Escola da Saúde	As recomendações nutricionais são importantes para uma para o estabelecimento de hábitos alimentares saudáveis.	2016
Obesidade: causas e consequências em crianças e adolescentes.	Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP	Melhoras no estilo de vida para redução de doenças crônicas.	2010

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos estudos analisados, foi possível identificar que os motivos de abandono relacionam-se principalmente à dificuldade em adaptar os horários das consultas às atividades dos pacientes e dos pais, à recusa das crianças em fazer o tratamento, à insatisfação com o resultado e, em menor número, à dificuldade de agendamento e à demora no atendimento por parte dos profissionais (NOGUEIRA, 2013).

É possível identificar também que os pais são responsáveis, em parte, pelo comportamento alimentar não saudável apresentado pelos filhos, e para que esse comportamento se modifique é necessário mudar o comportamento da família, garantindo a escolha correta de alimentos acompanhada da prática de atividade física. Para Dantas e Silva, 2019, o ambiente familiar mostra impacto significativo no desenvolvimento do comportamento alimentar, por isso os adultos devem fornecer um bom modelo desse comportamento para as crianças. É importante ressaltar a contribuição do ambiente físico, da cultura, da escola e da mídia no processo.

A jornada de trabalho integral, não controlar o que a criança come, já que seus cuidadores não dispõem de tempo ou interesse em fazê-lo, a não colaboração dos outros membros da família, a ansiedade do filho, a compra de alimentos inadequados pela praticidade que eles oferecem, a insistência da criança ao pedir alimentos, a descontinuidade do tratamento pelo próprio usuário, pelo serviço de saúde ou ausência do profissional e a demora no atendimento foram alguns dos motivos relatados nos artigos analisados pelos familiares para o não sucesso dos tratamentos anteriores.

Já Camargo, 2013, diz que a retirada precoce do aleitamento materno contribuiu para a obesidade infantil daquela população, já que com a retirada do leite materno automaticamente foram introduzidos outros alimentos que levaram ao aumento do peso corporal.

Nessa perspectiva podemos perceber a grande falha no cuidado nutricional da criança por parte dos pais, familiares e cuidadores, havendo uma necessidade de educação em saúde no meio familiar onde a longo prazo essa conduta venha a ser modificada contribuindo assim para que a população infantojuvenil alcance um patamar de vida mais saudável.

Em suma, percebemos que todos os estudos relatam a falta de conhecimento da maioria dos pais no que diz respeito a importância da prática de atividade física, alimentação saudável e o controle com a alimentação, como também a falta de conhecimento sobre os riscos relacionados a saúde dos filhos.

Percebemos, ainda, que as estruturas sociais e familiares são fatores determinantes em questões de saúde coletiva como o sobrepeso e a obesidade infantil. Os modos de se relacionar focados na satisfação pessoal também podem contribuir para que as famílias se modifiquem, provocando novas metas pessoais a todo momento, fato este que leva a criança a circular por diversos ambientes, o que pode interferir no processo de cuidado à alimentação e à saúde de modo geral. A ideia aqui não se trata de condenar as mudanças nas estruturas familiares, nem de incentivar o resgate da família tradicional, mas sim de observar a necessidade de que se mantenham os papéis, seja qual for o modo de organização das famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante saber o motivo que faz com que a criança e adolescentes optem por serem sedentárias, para então escolher um melhor método para ajudá-los. Sendo assim, profissionais da saúde e educadores deveriam incluir uma análise das atividades habituais da criança e as barreiras que devem ser superadas para que ela adote um estilo de vida mais ativo e mais saudável (HERNANDES, 2010).

Ainda, faz-se necessário identificar e intervir nas demandas familiares apresentadas nos estudos, visando sanar o problema da não-adesão à modificação dos hábitos de vida por toda a família, uma vez que o ambiente doméstico no qual o paciente está inserido é fator decisivo para a continuidade do cuidado.

O resgate da responsabilização em virtude do coletivo pode indicar o caminho de mudanças efetivas no âmbito da saúde infantojuvenil. Desse modo, é necessário ficar atento às modificações nas estruturas sociais a fim de pensar estratégias para lidar com elas e qualificar cada vez mais a prática assistencial, sendo necessário um tratamento adequado para que as complicações de saúde, provenientes da obesidade, não se estenda até a vida adulta.

Os resultados sugerem que as modificações nas estruturas familiares não apenas contribuem para que essa característica não se instale, mas que elas se mantenham estáveis, caso existam, fazendo com que os outros membros familiares previnam-se de agravos decorrentes do acúmulo de gordura corporal.

REFERÊNCIAS

BONFIM, N. F.; GUILHERME, C. S.; SAITO, J. A.; MONTEZANI, E; Obesidade infantil: Principais causas e a importância da intervenção nutricional. **Revista científica da escola da saúde**. Catussaba. v. 5, n. 1, p. 31-44,2016.

CAMARGO, A. P. P. M; A não percepção da obesidade pode ser um obstáculo no papel das mães de cuidar de seus filhos. **Ciência e Saúde Coletiva**. São Paulo. v. 18, n. 2, p. 323-333. 2013.

DANTAS, R. R; SILVA, G. A. P. O papel do ambiente obesogênico e dos estilos de vida parentais no comportamento alimentar infantil. **Revista paulista de pediatria**, São Paulo, 2019.

DURÉ, M. L, et al; A obesidade infantil: um olhar sobre o contexto familiar, escolar e da mídia. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**. Rio Grande do Sul. v.5, n.4, p. 191-196, 2015.

FRONTZEK, L. G. M.; BERNARDES, L. R.; MODENA, C. M. Obesidade infantil: Compreender para melhor intervir. **Revista da abordagem gestáltica**. Goiânia. v.23, n.2, 2017.

HERNANDES, F.; VALENTINE, M. P. Obesidade: causas e consequências em crianças e adolescentes. *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas*, v. 8, n. 3, p. 47-63. 2010.

MACHADO, J. A. P.; ROCHA, M. B. S.; VIANA, C. M.; PEREIRA, E. S. Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças do ensino fundamental I na cidade de Boa Viagem. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, São Paulo. v.12. n.70. p.175-181. Mar./Abril. 2018.